

CARLOTA CAFIERO
DA REDAÇÃO

Finalmente, lá estava ela. Violão sobre o colo, encarando o microfone da rádio KPFFK, de Los Angeles, e demonstrando uma intensa alegria ao cantar sua música ao vivo – na ocasião, *Let Them Say*, cujo refrão é: “Pouco importa se eu sou pop, rock, reggae ou funk?/ Nada disso junto?/ No final das contas o que vale é viver a vida”.

Era novembro de 2012 e Anna Beatriz, cantora, compositora e arranjadora santista, com então 28 anos, tinha acabado de concluir o curso de Voz na prestigiada Musicians Institute, de Hollywood, e de lançar o CD independente *Beautiful Ride*.

Formada em piano clássico, fã dos românticos Beethoven, Liszt e Chopin, ela também é capaz de colocar uma flor vermelha nos cabelos cacheados, sorrir com os olhos como fazia Elis Regina, e se metamorfosear na *pimentinha* para cantar *Ladeira da Preguiça*.

Além disso, costuma se sentar ao piano de cauda, acompanhada de sopros, baixo e bateria, para tocar o que os *gringos* chamam de *brazilian jazz*, ou seja, bossa nova.

Versátil é uma palavra que cabe bem em Anna Beatriz, que depois de uma imersão de três anos na cena musical de Los Angeles, entre 2011 e 2013, está de volta ao Brasil por uma questão legal: o prazo de seu visto de permanência venceu.

A cantora está reunindo os documentos necessários para dar entrada no pedido de um visto de artista, com o objetivo de retornar aos EUA para retomar a carreira internacional, que inclui uma banda formada por músicos de vários países e uma agenda de shows que vinha cumprindo em bares, cafés e casas de jazz de Los Angeles – como os históricos House of Blues e Catalina Jazz Club.

Enquanto isso, Anna aproveita para dar aulas de piano, reencontrar amigos e músicos e lançar *Beautiful Ride*, com apresentações na Cidade. A data do show oficial está para ser confirmada, mas deverá ser no próximo mês, no Teatro Guarany, Centro Histórico, Santos.

RECONHECIMENTO

Antes de estudar nos EUA, Anna era uma artista reconhecida em Santos, com um elogiado CD lançado – *Sobre Nós*, que já trazia uma canção em inglês e versava sobre o amor em três tempos: antes, durante e os la-

Anna Beatriz

Uma santista na cidade dos sonhos

Cantora mergulhou na cena musical de Los Angeles, entre 2011 e 2013, quando lançou o CD *Beautiful Ride*



Atualmente em Santos, ela prepara documentos para voltar aos EUA

ços (nós) deixados com o fim de uma relação. Suas músicas, lembra ela, tocavam em rádios de Santos, São Paulo e Rio de Janeiro.

Anna conta que era um sonho antigo estudar música no exterior – talvez para superar o trauma gerado na pré-adolescência, quando, aos 13 anos,

por medo do desconhecido e apego à família, recusou a possibilidade de ganhar uma bolsa de estudos para continuar estudando piano em Portugal.

Formada em piano clássico pelo Lavignac Conservatório Musical, a jovem então passou por um período de rebeldia e crise em relação ao instrumen-

to. Ela tinha 17 anos quando trocou o piano pelo violão e começou a cantar e a compor canções populares. “Sempre gostei muito de música americana, jazz principalmente, e algumas coisas do *funk*”, diz.

Formada em Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Santos (UniSantos), Anna passou a ganhar a vida gravando *jingles* e dando aulas de piano. Com gosto e facilidade de transmitir o que aprendeu, ela também se envolveu com musicalização infantil e trabalhou com terapia musical. A troca de saberes somou-se a de afetos e Anna levou o hábito de abraçar as pessoas para os EUA.

“Lá eles estendiam a mão e

eu ia para o abraço. No ato, percebiam que não era dali”, diverte-se a cantora, que se matriculou em um curso intensivo de inglês assim que pôs os pés em Los Angeles, em 2011.

Um trimestre depois, passou a ter aulas de canto com uma professora da Musicians Institute, onde Anna se matriculou no mesmo ano, disposta a frequentar as aulas vocais.

STEVIE WONDER

Foi a melhor escolha que fez. No Natal de 2011, ela foi escalada a participar de um coral que iria acompanhar ninguém menos do que Stevie Wonder em um concerto beneficente no Teatro Nokia. Ao final do curso, em 2012, Anna foi eleita a

melhor aluna da escola e contratada para trabalhar na biblioteca, enquanto preparava o primeiro CD no exterior. “Também estava fazendo os meus *gigs* (shows) por lá, tocando com outras pessoas e divulgando o meu som próprio, mas o meu visto de trabalho expirou”, lamenta.

Focada em produzir um trabalho autoral de qualidade, a cantora está sentindo falta da mesma recepção curiosa e calorosa do público em geral às suas composições. “Acho difícil mostrar música original aqui. Não há muito espaço e as pessoas não têm o hábito de sair para bares para ouvir música”.

Anna lembra que, em Los Angeles, há cafés e bares que reservam uma noite por semana para compositores mostrarem suas músicas. “Você não recebe nada e só vale para música original. É uma boa maneira de mostrar o trabalho”, conta.

Uma noite dessas aconteceu na House of Blues, onde Anna apresentou as cinco canções que viriam a integrar o segundo CD – na realidade, um EP (*Extended Play*), considerado longo demais para ser um *single* (disco com uma música) e curto demais para ser um LP (*Long Play*).

“As oportunidades lá são bem diferentes. Conheci muitos músicos. No meu último show, o cara que tocou saxofone comigo toca com a (cantora) Chaka Khan. Eu acho que Hollywood é a cidade dos sonhos. A cada esquina, você dá um ‘oi’ e a pessoa quer saber o que você faz, se é ator, músico, diretor de cinema. Você fica até um pouco saturado porque todo mundo é muito bom e tem muita gente fazendo a mesma coisa que você”, compara.